http://dx.doi.org/10.14195/1645-2259_15_6

Diplomacia e sociabilidade intelectual na viagem a Itália de D. Francisco Manuel de Melo

Diplomacy and intellectual sociability in the italian journey of D. Francisco Manuel de Melo

Paulo Silva Pereira
Universidade de Coimbra – FLUC/ CLP
psilvapereira@sapo.pt

Texto recebido em / Text submitted on: 15.09.2015
Texto aprovado em / Text approved on: 21.10.2015

Resumo: Este estudo parte de uma circunstância específica, a viagem de D. Francisco Manuel de Melo a Itália na década de 60 do século XVII, para abordar o cruzamento entre política, diplomacia, atividade cultural e convivialidade discreta, em especial durante o tempo da sua permanência na cidade de Roma. Permite ainda lançar um olhar sobre a configuração das redes de sociabilidade intelectual que se consolidavam, de modo transversal, por essa altura no espaço europeu e de que faziam parte também agentes culturais de origem portuguesa.

Palavras-chave: Barroco; viagens a Roma; missões diplomáticas; sociabilidade intelectual.

Abstract: This study based on the circumstances of the travel of D. Francisco Manuel de Melo to Italy in the 60's of the seventeenth century aims to analyse the intersection between politics, diplomacy, cultural activity and discreet conviviality, especially during the time of his stay in Rome. It also allows to cast a glance at the configuration of intellectual sociability networks that were flourishing by then in Europe and with the participation of many portuguese cultural agents.

Keywords: Baroque; journeys to Rome; diplomatic missions; intelectual sociability.

1. Quando, no derradeiro capítulo da sua *Relação do novo caminho da Índia para Portugal*, o Padre Manuel Godinho evoca o encontro que manteve com D. Francisco Manuel de Melo na cidade de Marselha, numa altura em que este se encontrava em trânsito a caminho de Itália para tratar do casamento de Afonso VI e para tentar resolver, junto da cúria papal, as questões dos bispados vagos e dos cristãos-novos, fica bem patente a viva impressão que lhe causou:

> Fui logo visitado do senhor D. Francisco Manuel, o qual, com nome suposto de Monsieur Chevalier de S. Clément, passava a Roma, recomendado a todos os príncipes e repúblicas amigas, por cartas patentes dos senhores reis de Inglaterra e França. Não é crível o gosto que me causou a visita deste fidalgo; só o pode considerar quem souber estimar suas inestimáveis prendas, quem tiver gozado de sua admirável conversação, quem for lido em seus engenhosos livros, quem de seu singular juízo formar aquele conceito que dele tem feito o mundo todo, quem de seu primor estiver obrigado como o eu estou, porque todas estas cousas juntas foram os motivos de meu gosto naquela visita. (Godinho, 1974: 253-254)

Tanto quanto se pode depreender das suas palavras, essa convivência momentânea permitiu certificar, quando não reforçar ainda mais, todo o mérito que se lhe atribuía (ainda que, neste caso, a coberto de um avatar – o misterioso Chevalier de Saint Clément – criado especificamente para preservar o caráter sigiloso da missão[1]). Embora não fosse caso único na Península Ibérica (como fica bem patente até pela estratégia de emulação que, em certas ocasiões, se pretende instituir com a figura de Quevedo), o seu percurso biográfico, marcado tanto por momentos de glória, como pelo desencanto e pelo sofrimento, despertava a curiosidade dos contemporâneos (para utilizar expressão neutra que não favorece os seus mais íntimos admiradores ou seus misteriosos inimigos).

Pelos ecos que até nós chegaram, é de supor que, à medida que o tempo avançava, mais nítidos se tornavam os contornos de uma figura que, a vários títulos, se podia considerar excecional. É sabido que a imagem que temos de uma personalidade histórica não é neutra nem inocente, mas de Manuel de Melo se pode dizer que contribuiu ativamente (pelo pensamento e pela ação) para compor esse perfil de homem de eleição, capaz de atuar com eficácia em vários palcos do mundo. Por outro lado, soube constituir-se a si próprio como exemplo vivo das virtudes, do saber teórico e prático necessário para enfrentar as exigências de um mundo hostil, do gosto requintado e da sociabilidade que tanto elogiou. Até mesmo quando deixa ressoar a voz do

---

[1] Vale a pena lembrar que Melo de forma a contornar eventuais acusações de oportunismo político, vindas sobretudo do lado espanhol, resolve então estampar a sua *Guerra de Cataluña* (1645) sob o pseudónimo de Clemente Libertino, explicando detalhadamente o sentido deste "nome fingido" que figura no frontispício de "um livro tão verdadeiro" (p. 93): "a não ter o nome que tenho, esse houvera de ser o meu nome, sendo Clemente o santo *tutelar* de meu nascimento, o qual estimo pelo mais *afortunado* horóscopo e ascendente. Libertino, porque já sabeis que era, entre os Romanos, o nome dos filhos de escravos libertos. Assim, *aludindo* à liberdade que já gozava minha pátria, fiz *dela* brasão e apelido. Se em tudo errei, bem pode ser culpa da eleição, que pertence ao juízo, não do propósito, que é filho da vontade" (Melo, 1970: 95).

desengano, vem ao de cima a sua condição existencial, o seu estatuto como homem de letras e o seu papel como 'tratadista' ao serviço da aristocracia que, não raro, se confrontava com os reveses da Fortuna[2].

Não por acaso, a viagem diplomática que realiza, entre 1663 e 1665, por Londres, Paris e Roma, só seria possível (como de facto foi) em virtude de uma mudança significativa operada no seio da corte portuguesa em 1662: a subida ao trono de D. Afonso VI, que pôs termo à regência de D. Luísa de Gusmão, e a escolha do conde de Castelo Melhor, seu amigo e parente, para chefiar o governo, na medida em que permitiu inverter o ciclo de descrédito e de perseguições de que vinha sendo vítima pelo menos desde o reinado de D. João IV. Infelizmente pouco pôde beneficiar de tão auspicioso clima político, pois viria a falecer em 1666.

A passagem de Manuel de Melo pela Itália pode ser equacionada em vários planos, suscetíveis, contudo, de se relacionarem entre si: pela sua intrínseca relevância, destacaremos o plano político-diplomático e o plano das relações culturais. Ao mesmo tempo, deve notar-se desde já que no primeiro caso o balanço não pode ser estabelecido de modo unívoco, um pouco à semelhança do que acontece com tantos outros legados ou agentes diplomáticos do Portugal Restaurado que viajaram pelas cortes europeias, obtendo assinaláveis êxitos nuns casos, e não poucas derrotas e frustrações noutros: ele é necessariamente afetado tanto pelo clima de vincada crispação e de confronto bélico com Espanha (de 1641 às campanhas finais de 1663 e 1665, ainda que de forma intermitente) como pelo intenso quadro de rivalidade entre potências europeias em luta pela hegemonia[3]. Vale a pena recordar que, além dos debates sobre o início das negociações de paz entre as monarquias ibéricas, os conselheiros de Afonso VI discutiam a possibilidade de se estabelecer uma forte aliança com outro país europeu. Assim, da mesma forma que o casamento de Catarina de Bragança e Carlos II havia permitido o reforço da ligação com os ingleses, a união de Afonso VI e do infante D. Pedro com princesas estrangeiras garantiria o apoio formal de mais um aliado contra os castelhanos.

Como era hábito em semelhantes ocasiões, foram preparadas *Instruções* secretas, uma assinada pelo rei e outra pelo Secretário de Estado, António de Sousa de Macedo (ambas de 27 de outubro de 1662), em que de forma

---

[2] Para uma abordagem mais desenvolvida da relação entre o perfil de D. Francisco Manuel de Melo e o modelo do cortesão prudente e discreto na cultura barroca peninsular, cf. Pereira, 2007.

[3] Sobre as missões secretas e negociações levadas a cabo por D. Francisco ao serviço da coroa portuguesa, pode o leitor encontrar informações de grande utilidade no ensaio de Ana M. H. Leal de Faria (2011).

pormenorizada se descrevem as razões que estão na base da sua missão e se estipula o que lhe compete fazer, tirando partido da sua "prudência, juízo e capacidade"[4]. São documentos preciosos, a par de outros de índole semelhante, para uma reconstituição mais fidedigna do contexto que antecede (e rodeia) o processo de negociações junto da cúria pontifícia. É-lhe garantida, no entanto, alguma margem de autonomia, uma vez que se faz depender a concretização prática das ações da "disposição e acerto" que as circunstâncias exigissem, até porque a demora com que se processava a troca epistolar nessa altura e o ritmo a que, por vezes, evoluíam os acontecimentos políticos no terreno desaconselhavam um cumprimento estrito, apenas e só, do que estava inicialmente disposto nesses documentos que havia recebido. Atendendo à delicadeza da missão que seria necessário empreender em Roma, compreende-se o grau de meticulosa preparação que ora faz circunscrever o âmbito do relacionamento de D. Francisco Manuel de Melo com membros de ordens religiosas que se encontrassem na região por aqueles dias, por se entender que poderia ter efeitos danosos[5], ora procura limitar a exibição de signos distintivos que pudessem indiciar a ligação à Coroa: "Também não levareis por hora mais número de criados que até cinco ou seis, por não dar a entender que ides como ministro meu, dispondo de tal maneira o trato de vossa pessoa, casa e família que não causeis ciúme, nem também desprezo, porque na estimação dos amigos e emulação dos contrários possais proceder em meu serviço sem o menor desar nem risco em vossa pessoa, e com toda a autoridade e quietação, procurando porém fazê-lo de tal sorte que por nenhum acontecimento se alcance sois ali mandado por mim, enquanto não convier dá-lo assi a entender"[6]. Se, noutras ocasiões, se procurava investir, quantas vezes a despeito de critérios de racionalidade orçamental, na entrada pública de um representante do poder régio na corte em que era acreditado, porque tal contribuía para a afirmação simbólica do prestígio do monarca, neste caso o investimento é de sentido inverso, procurando garantir decência mínima, mas sem levantar suspeitas quanto à condição

---

[4] Prestage, 1914: 512 (documento n.º 85). Em todos os passos transcritos atualizámos a grafia, mas procurámos manter, sempre que possível, a pontuação do original.

[5] Por reforçar o sentido grave e muito melindroso dos assuntos de Estado a que Manuel de Melo deveria atender durante a sua permanência na cidade, transcrevemos o passo em que se faz menção dessa estratégia: "procurareis passar dali [Génova e Liorne] a Roma, não levando em vossa companhia religioso algum, nem em seu hábito, nem no alheio, pelo grande descrédito de que são naquela Corte, além das inquietações e perturbações que a sua ida causa nas religiões destes reinos, a cujos prelados tenho mandado ordenar procurem evitar estas jornadas, tendo com eles, enquanto ali assistirdes, a menor comunicação que for possível", Prestage, 1914: 513 (documento n.º 85).

[6] Prestage, 1914: 513.

do enviado. Manifestações de apertada cautela são recorrentes ao longo do texto destas *Instruções*, mas é de sublinhar ainda assim o lote de recomendações que são feitas a propósito da visita ao Cardeal Protetor de Portugal, Virginio Orsini, sobre quem recaíam suspeitas de quebra de fidelidade aos interesses do nosso reino:

> procurareis vesitar o Cardeal como um fidalgo português, que favorecido de meus ministros ides a Roma a negócios particulares vossos, dando-lhe a minha primeira carta que para ele levais, e introduzindo por este modo a vossa negociação, procurareis alcançar dele com destreza as primeiras notícias, não mostrando (ainda no caso de achardes dele ruins indícios) desconfianças, nem fazendo demonstração por obra ou por palavra de que conheça terdes conhecido o seu ânimo. (Prestage, 1914: 514)

Acontece, porém, que a viagem só viria a ter lugar no ano seguinte (1663), por motivos políticos, acabando por prevalecer uma estratégia algo diferente, que aparece gizada numa outra *Instrução*, agora de 18 de Janeiro de 1663, implicando uma passagem prévia pela Inglaterra e pela França. É intenção do monarca fazer com que Melo parta tão rapidamente quanto possível em direção a Roma (ainda e sempre o fim último da missão diplomática), mas não sem antes fazer um "rodeio" (é o termo que consta do documento original) por Inglaterra, para se encontrar com o Marquês de Sande, Francisco de Melo e Torres, embaixador português na corte inglesa, uma vez que Catarina de Bragança tinha vindo a realizar uma ou outra diligência junto da cúria pontifícia em favor da causa portuguesa, através de um seu colaborador, Sir Richard Belling.

2. Corria o mês de setembro de 1663 quando Melo desembarcou em Génova, ficando aí a residir por dois meses. Dirigiu-se depois a Parma e chegou, por fim, a Roma em dezembro desse mesmo ano, onde viria a permanecer até novembro de 1664. A mais circunstanciada descrição que nos deixou sobre essa experiência de viagem (incluindo também a referência à passagem pelos territórios inglês e francês) encontra-se numa carta em verso dirigida ao seu amigo Francisco Correa de Lacerda e mais tarde incluída no volume das *Obras Métricas* (*Fístula de Urania*, epístola V). Presume-se que tenha sido redigida em Parma na segunda metade de 1663, pelo que infelizmente não chega a tocar no período da sua permanência em Roma. Os últimos tercetos da composição (que procura acompanhar o fio cronológico dos aconteci-

mentos desde a partida de Lisboa) são consagrados, com efeito, à evocação da sua chegada àquela região italiana:

> Subo; y apenas la vista le descubre,
> cuando del Po la decantada orilla
> de verdes lutos de álamos se encubre.
>
> La armada, despidiéndome, cuadrilla
> que a las insidias ya del odio, o el caso,
> real mano ha mandado prevenilla,
>
> con ánimo sincero y manso paso
> arribo en esta corte, donde escribo
> su exceso liberal con modo escaso.
> (Melo, 2006: II, 961)

Muito embora o autor tenha manifestado a intenção, noutros momentos, de reduzir a escrito os sucessos e desventuras da jornada italiana (basta ter em conta, a título de exemplo, a promessa que deixa ao seu amigo neste poema: "para mejor tiempo su alabanza / ya desde agora, grato, le apercebo"), não chegou a fazê-lo, até porque algum tempo depois de chegar a Lisboa viria a falecer.

Que esta missão internacional era especialmente delicada, podendo até comportar risco de vida, é algo que se comprova na série de *Instruções* que recebeu, pela insistência na preservação do segredo, a coberto do disfarce de negócios particulares que justificariam a sua ida a Roma, e pela exortação a que não se deixasse intimidar pelas ameaças dos castelhanos. Sirva como confirmação deste último ponto, pela sua decisiva relevância, um passo da *Instrução* de 27 de outubro de 1662, ainda há pouco referida, até pelo cuidado posto na eleição do homem que viesse a desempenhar a missão:

> No meio das satisfações e sumições de que usardes para vos introduzir em Roma, o fareis também de palavras de grande sentimento e mistério, sem vos perturbarem nem intimidarem as cavilações e ameaças dos Castelhanos, pois com esta mesma razão cometo a demonstração deste negócio (no caso que seja necessário fazê-la) a ũa tal pessoa como vós, e da vossa profissão, e não a pessoa eclesiástica. (Prestage, 1914: 517)

Correspondia-se, durante todo este período, diretamente ora com o rei, ora com Castelo Melhor, o que permite confirmar a natureza muito sensível da missão e o seu estatuto hierarquicamente superior em relação a outros

legados. Uma parte significativa dessas cartas seguia escrita em código ("em cifra", como então se dizia), pois havia sempre o risco de ser intercetada e inspecionada[7]. Melo tinha uma aguda consciência da vulnerabilidade dos canais de comunicação e por isso não surpreende que possamos encontrar na sua correspondência indicações práticas quanto ao modo de proceder, como se comprova em carta enviada a 25 de agosto de 1664: "podeis mandar ou remeter qualquer aviso extraordinário em cifra, dirigindo-o por via dos Padres da Companhia e que venha aqui ao Padre Donelli... pela língua francesa em o Colégio Romano, porque com esta direcção virá às minhas mãos segura qualquer carta"[8].

Fruto do seu continuado empenho, da sua destreza em conduzir negociações políticas e das boas relações que mantinha com eclesiásticos influentes, viria finalmente a concretizar-se a tão desejada audiência com o Papa Alexandre VII. O entusiasmo com que descreve, na correspondência dirigida ao Conde de Castelo Melhor, esse singular momento é bem a prova de que não faltaria sensibilidade, ao mais alto nível da Cúria, para perceber e aceitar a legitimidade da causa portuguesa, não fora a pressão vinda de Castela e o delicado equilíbrio geo-estratégico entre potências europeias:

> hoje, dia do Senhor Rei S. Luís [25 de agosto de 1664], tive audiência de Sua Santidade de três quartos de hora. Está bem com os Melos e me disse muitas cousas dos dous irmãos, D. Francisco e D. Álvaro. Discorreu-se variamente e no fim o apertei quanto um homem podia a um Papa; ficámos bem e ele me mandou, como quem pode, que a tudo o de negócio tivesse segredo inviolável. Bem podereis vós entender que me não mandaria calar o que nos está mal. (Melo, 1981: 518)

Muito embora se assumisse, no contexto do Ocidente cristão, como cidade santa e destino de peregrinações religiosas, Roma era também um centro de poder temporal, com tudo quanto isso implica em matéria de cargos, congregações, colégios, tribunais e embaixadas. Ora, o retrato que Manuel de Melo oferece da corte pontifícia do seu tempo, numa carta dirigida "ao Geral

---

[7] Do ritual próprio de uma missão secreta como seria sempre a de Manuel de Melo ou de qualquer outro representante português numa cúria pontificia ainda muito sensível à pressão castelhana dá conta um dos parágrafos da *Instrução* de 62: "De tudo o que passardes nestes negócios me ireis avisando por todas as vias seguras, com toda a clareza, e sem respeito a pessoas particulares, para que meus ministros, fundados nas notícias que derdes, me possam aconselhar o mais conveniente; e assim para estes avisos, como para os que haveis de fazer aos ministros e embaixadores que tenho fora do Reino, a quem mando escrever vos ajudem e assistam nesta negociação, se vos entregarão cifras na Secretaria de Estado." (Prestage, 1914: 517).

[8] Melo, 1981: 519.

de certa Religião, sobre negócios tocantes ao bom governo dela", não deixa de ser, a vários títulos, demolidor:

> Esta Corte tem seus modos de negociação assaz lamentados e lamentáveis; e não há virtude tão robusta que facilmente resista às tentações que, ou por enojo ou por exemplo, oferece o demónio aos bons, apresentando-lhe o triunfo dos maus. [...]
> Os Prelados que assistem nesta Cúria, perdidos da piedade sua, obrigados do rogo e respeitosos à intercessão, julgam que é perdão a mais competente mezinha; com o qual aquele que parece vai curado sai de sua presença mais perigoso. Nas informações distantes há seguro risco; e os que dirigem e dão movimento às partes e membros deste corpo julgam que satisfazem sua obrigação, governando-os da própria maneira que de sua cabeça são governados. (Melo, 1981: 516)

Poder-se-á argumentar que este juízo tão severo é mera consequência da frustração de expetativas de um agente diplomático e da causa que representa, mas não deixa de refletir, na sua desarmante crueza, o instável equilíbrio entre as leis divinas e os interesses dos homens.

Boa parte do material atualmente disponível sobre este período da vida de D. Francisco ainda se fica a dever à pesquisa levada a cabo por Edgar Prestage em arquivos e bibliotecas, no final do século XIX e início do século XX. Do lote de documentos que então recolheu, em especial no Archivo General de Simancas, constam várias cartas (ou talvez com mais propriedade valesse a pena dizer: relatórios) sobre as diligências feitas[9]. Cumpre assinalar, por outro lado, que as redes de informação e de espionagem ligadas à coroa castelhana estiveram muito ativas durante estes anos, recolhendo, analisando e remetendo dados para o rei Filipe IV. Comandavam essa poderosa engrenagem, neste caso específico, o Cardeal de Aragón e o seu irmão, D. Pedro de Aragón, ambos sempre com extrema atenção a tudo quanto dissesse respeito ao enviado de Afonso VI: "Por lo que se ha ofrecido estos días en lo tocante a Don Francisco Manuel, he procurado se le observe con todo cuidado adonde entra y con quien comunica, y así mismo con que Cardenales ha tratado antes, si ha regalado a alguno, a quien y con qué"[10]. É muito curioso observar

---

[9] O estudioso lembra as dificuldades por que passou para poder reconstituir o tempo de permanência de Melo em Roma, muito por causa da impossibilidade de se aceder à correspondência com a Cúria Romana em todo o segmento que vai de 1663 a 1668, lançando mão em contrapartida da correspondência trocada entre o Marquês de Sande e o Conde de Castelo Melhor, por um lado, e do Cardeal de Aragón e do seu irmão com Filipe IV, por outro (Prestage, 1914: 363).

[10] Prestage, 1914: 554 (documento n.º 110).

o detalhe com que se descreve não só as circunstâncias das visitas ou pontuais encontros com destacados membros da Cúria Romana, como o teor e a quantidade de presentes oferecidos. Ainda quando tentava iludir a vigilância exercida sobre si, recorrendo a estratégias mais insinuantes como o disfarce, de pouco adiantava, pois sempre alguém lá estava para controlar: "Supe que había ido vestido de clérigo a Castelo a solicitar la audiencia, respondéosle con exclusiva, con que se volvió, no habiendo logrado el intento"[11]. O último testemunho em termos cronológicos, pelo menos que até agora se conheça, diz respeito à fase final da missão e serve para mostrar o apreço com que o rei Filipe encarava o cuidadoso (e bem sucedido, diga-se) trabalho de espionagem de D. Pedro de Aragón: "Todo lo que habéis obrado y discurrís en estos puntos es propio de vuestra atención y celo de mi servicio, y así os lo apruebo, y doy gracias por lo que procuráis atravesar las negociaciones de ese Portugués"[12].

Para além destas manobras mais insinuantes de espionagem e de contra-espionagem entre as duas partes envolvidas ou da ação diplomática regular, era muito comum a existência de campanhas de propaganda político-ideológica que se materializavam numa intensa difusão de textos panfletários ou *papéis*, como então se dizia. É muito significativo o número de impressos, redigidos em vários idiomas, que chegaram até nós, mas é legítimo pensar que no tempo que acompanha o movimento restauracionista e ao que se lhe seguiu o seu impacto tenha sido ainda mais notório. Ora, tanto quanto se sabe, pela mesma altura em que se desenrolava o périplo, que vimos referindo, por várias regiões da Europa (Inglaterra, França, territórios da Península Itálica), Manuel de Melo alimentava também a seu modo esta máquina de propaganda, redigindo e fazendo publicar panfletos em que se procurava exaltar o comportamento do país em vários domínios (da política ao confronto bélico, sem esquecer a extrema obediência do rei e do reino a Roma, mesmo quando esta abertamente fazia pouco caso dos seus mais legítimos interesses). É o que acontece com um texto publicado em 1663, sob o título de *Declaración que por el reyno de Portugal ofrece el Doctor Geronymo de Santa Cruz a todos los reynos y provincias de Europa contra las calumnias de sus emulos*, em Lisboa, pelo impressor António Craesbeeck de Melo, mas com várias

[11] Prestage, 1914: 557 (documento n.º 115).

[12] Prestage, 1914: 560 (documento n.º 120).

reedições (como demonstrou Edgar Prestage[13]) e atribuível a Melo, por figurar no catálogo de obras que o próprio incluiu na edição de *Obras Morales*[14].

Pontos mais obscuros do seu percurso vivencial, e ainda hoje à espera de clarificação definitiva, seja pelo desaparecimento de preciosa documentação como o seu processo judicial, seja pela parca informação que pode ser colhida nos textos que chegaram até nós, abriram caminho a um trabalho de produtiva figuração ficcional. São disso exemplo peças de teatro como *Um duelo nas sombras ou D. Francisco Manuel de Melo* (Lisboa, 1875) de António Francisco Barata, *D. Francisco Manuel* (Lisboa, 1914) de Ruy Chianca e, mais próximo de nós, a obra de ficção que Fernando Campos publicou em 2003, sob o título de *O prisioneiro da Torre Velha. Quare?*. Sensível ao valor romanesco da dinâmica de espionagem e de contra-espionagem, num contexto de apertadas movimentações nos corredores do poder, Campos soube tirar amplo partido da ficcionalização desta jornada diplomática de Lisboa a Roma, passando por França e Inglaterra[15].

Sendo objetivo deste nosso estudo lançar também um olhar sobre o teor das relações diplomáticas do tempo barroco, creio que vale a pena considerar agora o retrato do perfeito embaixador que Melo propõe aos seus leitores na *Visita das Fontes*. Aí, a par de qualidades inerentes ao âmbito cortesanesco e de virtudes éticas e cristãs que uma longa tradição se encarregara de sedi-

---

[13] Prestage, 1914: 581.

[14] Em ensaio publicado em 2008, na revista *Românica*, Maria Lucília Gonçalves Pires levantou, pela primeira vez, a hipótese de ser este o "papel romano" que o Padre António Vieira severamente critica numa carta a D. Rodrigo de Meneses, datada de 8 de setembro de 1664, por não ser tão eficaz do ponto de vista persuasivo quanto a situação exigiria. Não se justifica repisar a meticulosa análise a que procede a estudiosa referida, revelando as informações que poderiam sustentar esta tese ou dando conta da especificidade da engrenagem retórico-estilística que o enforma, a ponto de torná-lo próximo de uma matriz muitas vezes presente em textos de reconhecida autoria de Manuel de Melo, pelo que nos limitamos a remeter o leitor para esse ensaio intitulado "Francisco Manuel de Melo e António Vieira", pp. 133-150.

[15] Sublinharemos apenas um segmento textual do penúltimo capítulo desta obra (justamente intitulado "Le Chevalier de Saint Clément") que aposta na ficcionalização de uma "sessão de lanterna mágica" levada a cabo, no âmbito do círculo cultural da rainha Cristina da Suécia, por Athanasius Kircher, homem notável do seu século e de quem falaremos mais pormenorizadamente adiante, numa demonstração prática de princípios teóricos gizados em vários tratados científicos seus, mas de modo especial em *Ars Magna Lucis et Umbrae* (Romae, Hermannus Scheus, 1646): "a um aceno da rainha, logo ele se coloca atrás de uma mesinha sobre que estava um estranho aparelho e uma vela acesa. Homem alto e magro, cabelos grisalhos a caírem-lhe sobre os ombros, labita negra de jesuíta, num italiano com toada alemã pediu a atenção da assembleia para a parede branca do fundo da sala. Fez sinal aos criados, que, junto das janelas, cerraram as cortinas, e na parede começaram a surgir figuras de pessoas, coisas, animais em corpo grande, no silencioso assombro da assistência... um gato, uma caleça tirada por cavalos, um jesuíta, o cardeal Orsini, o papa Alexandre bem reconhecível...", Campos, 2003: 398.

mentar, contam-se aspetos mais discutíveis (e, de facto, na altura amplamente discutidos):

> primeiro que tudo, necessita este ofício de hũa agradável presença e saúde corporal, boa graça e arte na conversação, notícias vivíssimas dos sucessos do mundo, desinteresse invencível, ânimo temperado, razões modestas, coração forte, prudente liberalidade, diligência activa, arte, despejo, e tal vez *dizem que não perderá nada na mentira, fingimento e simulação, tudo adubado da malícia quanto baste a não ser enganado.* (Melo, 1962: 227-229; itálico nosso)

Cumpre notar, porém, que a parte final desta intervenção suscitou amplas reservas junto das restantes personagens deste apólogo dialogal – como, de resto, também viria a acontecer com os censores que não hesitaram, na edição de 1721, em modificá-la[16] –, uma vez que não é de ânimo leve que se pode admitir num "homem de bem", como protesta a Fonte Nova, a prática da mentira, do fingimento e da simulação. Ora, é justamente este o ponto que importa sublinhar: ainda que o pacto ficcional que subjaz à obra nos impeça de estabelecer uma filiação direta entre as opiniões manifestadas pelas personagens e o juízo que o autor teria sobre a matéria, não deixa de ser curioso verificar que se apregoa, quanto mais não seja num plano retórico, a insensatez (pecaminosa, subentende-se) deste procedimento, quando se sabe que no campo diplomático a verdade desnudada podia, nalguns casos, ter custos elevados. Sabia-o D. Francisco como homem experiente que era – ainda que a redação dos apólogos seja anterior a decisivas missões diplomáticas que levou a cabo nos últimos anos da sua vida –, pelo que subtilmente deixa de lado deste lote de estratégias condenáveis, por desonestas, a dissimulação. A preocupação, que sempre demonstra nos seus escritos, com a dimensão ética e moral não o impede de ver as adversas condições que a realidade punha diante dos olhos dos que tinham que negociar ou desempenhar determinada missão política.

---

[16] Giacinto Manuppella, responsável pela edição que aqui utilizamos, chama a atenção para este facto em nota ao passo citado, transcrevendo as alterações introduzidas (Melo, 1962: 543-546) e sublinhando o âmago da questão nestes termos: "entre 1580 e 1650, nesse clima contra-reformista um tanto pesado e circunspecto, embora animado de vivos e sinceros anseios de regeneração dos valores morais e religiosos, em Itália e fora multiplicaram-se desmedidamente os tratados da arte de governar os povos, todos eles ansiosos de resolver plena e definitivamente o problema espinhoso das relações entre política e moral (que Maquiavel – é preciso que se note – não destruíra, pela simples razão que nunca tinha existido o problema), de descobrir e focar a maneira de harmonizar as exigências de uma religiosidade revigorada (em parte por meios exteriores, e portanto receosa e acanhada) e o irreprimível desejo de debruçar-se sobre as inúmeras acções aberrantes que a inteligência humana sugere e orienta, quando estimulada pela ambição, pelo interesse, ou por outras paixões ainda menos recomendáveis».

3. Passemos agora a um outro plano: quando se observa de forma atenta a produção de Manuel de Melo, depressa se percebe que as experiências colhidas durante as suas viagens (independentemente da motivação que estava na sua origem: política, militar, diplomática ou outra) podiam facultar material para o seu processo criativo, numa assumida demonstração de cosmopolitismo intelectual e vivencial. Roma, nesse sentido, não constituiu exceção e assim, num passo da *Carta de Guia de Casados*, obra especialmente entretecida com o relato de contos, ditos, provérbios ou sentenças que põem em evidência um estilo de conversação "agudo" e "engenhoso", puxa para primeiro plano um episódio de tom mais gracioso. Segundo recorda, um seu conhecido, Gonçalo Correia de Sousa, homem fortemente empenhado no processo de beatificação de Margarida de Chaves, sua mãe, a tal ponto que chegou mesmo a escrever e publicar um *Breve compêndio* com os principais sucessos da vida daquela virtuosa senhora, deslocou-se a Roma para mais depressa conseguir realizar esse intento, mas sem êxito. Ficou, contudo, o rasto da sua inquebrantável perseverança:

> Solicitava com exquisita importunação em Roma a beatificação da venerável matrona Margarida de Chaves um seu filho, que eu muito bem conheci, e de sua boca ouvi o que digo. Tinha o Papa Paulo Quinto remetido a causa a certo cardeal que já andava tão temeroso do requerente que, em o vendo, fugia dele. Sucedeu chegar a falar-lhe um dia, estando o cardeal mais que outros enfadado e, havendo-lhe lembrado, como costumava, seu negócio, lhe respondeu: *Senhor, não nos cansemos em provas da santidade de vossa mãe; prova somente que vos sofreu que o Papa a declarará logo por santa.* (Melo, 2003: 122)

Sabemos que do ponto de vista político a sua ação foi pouco mais do que infrutífera, por não ter conseguido resolver o problema do casamento de Afonso VI e obtido do Papa a nomeação de prelados portugueses para os lugares que se encontravam vacantes, mas é de crer que tenha desfrutado, com a sapiência que só os anos sabem proporcionar, desse convívio culto que a cidade propiciava. Encontrando-se já em Lyon (França) em 1665 e sob o pretexto de ter publicado em Roma, no ano anterior, o primeiro dos dez volumes em que tinha dividido o conjunto da sua produção escrita, o das *Obras Morales*, Melo faz referência à vertente cultural da sua estada em termos que aqui importa recuperar[17]:

[17] Melo fala deste seu ambicioso projeto (e talvez por isso inacabado) precisamente na altura em que apresenta as *Obras Morales*: era seu desejo reunir em vários volumes as suas *Obras Políticas, Históricas, Métricas, Demonstrativas, Solenes, Exquisitas, Várias, Familiares* e *Imperfeitas*, distribuindo o trabalho de impressão por cinco oficinas tipográficas de vários países europeus.

> De entre las águilas de Roma, no ha mucho tiempo, oh, letor mío!, que viste volar mi pluma a las más sublimes moralidades. Confieso que no por eso te habrá parecido de águila, mas de milano tampoco. Linaje sería de ingratitud desconocer yo en mí proprio los alientos, que con ejemplos, y doctrinas, pudo haberla importado la compañía, amistad, y prática, de tantos varones sabios, cuantos en la corte romana agora resplandecen. (Melo, "A los letores de mis *Obras Métricas*", 2006: I, 7)

É com indisfarçável orgulho que ostenta, no início da advertência aos leitores de *Obras Métricas* uma lista de afamados intelectuais que se encontravam em Itália quando ele por lá passou e com os quais manteve contacto próximo. Como confessa já na parte final desse parágrafo consagrado à experiência italiana: "Todos los cuales, agora con eruditísimos escritos, agora con atentísimas conferencias, han socorrido o labrado mi ignorancia, de tal modo que yo no pasaría más allá de mi obligación, o de su esperanza, habiéndome aprovechado lucidamente de tan caudalosos socorros"[18]. Fazendo jus a uma convicção muito generalizada no século XVII europeu, reconhece-se que a amizade e o convívio com homens de elevada estirpe favoreciam o aperfeiçoamento pessoal, pelo que se percebe o seu empenho em fazer parte desse circuito.

Proceder aqui a um levantamento exaustivo dos contactos que estabeleceu torna-se algo difícil em função do espaço disponível, mas não queremos ainda assim deixar de contemplar esta vertente, até porque se revela útil para a consideração do modelo de homem discreto que Manuel de Melo tão bem encarna. Sendo a sanção pública um fator determinante para que alguém possa ser tido em conta como tal, não é conveniente descurar essa teia de afinidades que se vão tecendo entre indivíduos que mutuamente se reconhecem como parte integrante de uma elite intelectual.

Estrategicamente colocado à cabeça da referida lista, ou não fosse a personalidade de maior renome a nível internacional, encontra-se o jesuíta alemão Athanasius Kircher, um dos mais famosos membros da Companhia de Jesus e, nas palavras de Melo, "autor de los más portentosos destos tiempos, igualmente en la solidez que en la sutileza y en la raridad de sus escriptos". Diga-se, em abono da verdade, que as palavras com que brinda esse "rarísimo ingenio" não são de todo exageradas, pelo alcance da sua produção fortemente eclética, capaz de cobrir campos tão distintos quanto os da ciência óptica, da música, da física, da história, da filologia, da egiptologia ou do

[18] Melo, 2006: I, p. 7.

magnetismo, para não alongar mais a lista. Caberia aqui recordar, por muito adequados, um ou outro epíteto que estudiosos recentes lhe têm atribuído, como acontece com o volume coordenado por P. Findlen – *the last man who knew everything* – ou em obras publicadas por J. Godwin – *the last man to search for universal knowledge* – e por C. Reilly – *a master of a hundred arts* –, porque manifestam, com meridiana claridade, a insaciável sede de saber que fez deste homem um dos mais notáveis do seu século[19]. Ficou famoso o seu *Museum Kircherianum*, instalado no Colégio Romano, por nele se recolher toda uma série de objetos de história natural, de antiguidades e de extraordinárias máquinas pneumáticas, hidráulicas e magnéticas, o que demonstra bem a transversalidade dos seus interesses[20]. Como tem sido notado frequentes vezes, esse projeto de Kircher revestiu-se de caráter pioneiro, até por ter apostado numa feliz combinação de traços próprios de um "gabinete de curiosidades" (*Wunderkammer*) com a matriz que enforma o *museu científico*, mostrando, de modo inequívoco, a proeminência da *maravilha* na cultura da primeira Modernidade.[21]

---

[19] Para benefício de leitores interessados em aprofundar esta vertente do pensamento e da ação de Kircher, deixamos aqui a indicação bibliográfica completa: Paula Findlen (ed.), *Athanasius Kircher: The Last Man Who Knew Everything*, New York, Routledge, 2004; Joscelyn Godwin, *Athanasius Kircher's Theatre of the World: The Life and Work of the Last Man to Search for Universal Knowledge*, Rochester, Vt., Inner Traditions, 2009; Conor Reilly, *Athanasius Kircher: a master of a hundred arts, 1602-1680*. Studia Kircheriana, Wiesbaden, Edizioni del Mondo, 1974.

[20] Muito embora não sofra contestação o seu estatuto como um dos mais destacados eruditos do seu tempo, tendo alcançado uma forte projeção internacional junto de uma vasta comunidade de leitores, formada quer por estudiosos, quer por gente que pretendia apenas alimentar a sua curiosidade intelectual, de gozar do apoio mecenático de príncipes poderosos e de ter conseguido inscrever o seu museu do Colégio Romano na rota cultural dos *curiosi* que visitavam a cidade de Roma, o certo é que a posteridade não soube fazer jus ao seu real valor. Contrariando essa tendência, nos últimos anos tem crescido, de modo significativo, a produção bibliográfica sobre este homem e sobre o seu legado cultural, como se pode ver, só a título de exemplo, por trabalhos como os de Ingrid Rowland, *The Ecstatic Journey: Athanasius Kircher in Baroque Rome* (Chicago, University of Chicago Press, 2001); Daniel Stolzenberg (ed.), *The Great Art of Knowing: The Baroque Encyclopedia of Athanasius Kircher*, Stanford University Libraries, 2001; Eugenio Lo Sardo (ed.), *Iconismi & Mirabilia da Athanasius Kircher*, Roma, Edizioni dell'Elefante, 1999; M. Casciato, M. Ianniello e M. Vitale (eds.), *Enciclopedismo in Roma barocca: Athanasius Kircher e il museo del Collegio Romano tra Wunderkammer e museo scientifico*, Veneza, Marsilio, 1986; Paula Findlen, "Scientific Spectacle in Baroque Rome: Athanasius Kircher and the Roman College Museum", *Roma Moderna e Contemporanea*, 1995; 3, pp. 625-665; P. Findlen, *Possessing Nature: Museums, Collecting, and Scientific Culture in Early Modern Italy*, Berkeley, University of California Press, 1994.

[21] Sobre esta questão, valeria a pena ter em conta o ponto de vista manifestado por Koen Vermeir em "Wonder, magic and Natural Philosophy. The disenchantment thesis revisited": "The *wunderkammer* is a sign of the times, and attests to the prominence of wonder, but it also reflected distinctions present in the broader cultural setting. Kircher's museum, for instance, was like a big show, similar to illusionist paintings or baroque theatres excelling in stage machinery, devised to baffle courtiers and dignitaries. I have already related that Athanasius Kircher's artificial marvels sometimes had a

Museum Kircherianum, Giorgio de Sepibus, *Romani Collegii Musaeum Celeberrimum*, Amsterdam, Ex Officina Janssonio-Waesbergiana, 1678 [22]

Ora, perante um homem com este perfil, e numa altura em que os intelectuais, um pouco por toda a Europa, se viam a si mesmos como cidadãos de uma sociedade transnacional – a República das Letras – em que o mérito se sobrepunha à qualidade do nascimento, é natural que Melo procurasse ter acesso a esse tão celebrado horizonte de sociabilidade. A prová-lo está o facto de o seu nome constar de uma longa lista de correspondentes com Kircher que só muito recentemente ficou conhecida em toda a sua extensão[23].

---

moral significance, but more often it represented religious and political messages. It was a museum of wonders for the elite, where the latest techniques and inventions found a place in a Catholic framework, and Kircher played with hidden messages that served to reinforce his religious position. The common man, it was supposed, was prone to superstition. Only the educated gentry were able to enjoy the play and read the hidden messages. Marvellous devices referred to the incapacity of the vulgar and helped constitute a distinct elite epistemic culture", in M. Deckard and P. Losonczi (eds.), 2009: 50.

[22] Reprodução da imagem disponível em: http://www.stanford.edu/group/kircher/cgi-bin/site/ [consulta: 5.X.2015].

[23] No âmbito do projeto 'Athanasius Kircher at Stanford' foi levada a cabo uma campanha de digitalização da correspondência do jesuíta alemão, que se encontra guardada principalmente nos arquivos da Pontificia Università Gregoriana, e do elenco de material recolhido faz parte uma carta enviada por D. Francisco Manuel de Melo, que comprova de modo inequívoco o estabelecimento de contacto entre as duas figuras (http://web.stanford.edu/group/kircher/cgi-bin/site/?page_id=7).

Entre os portugueses que se encontravam também por lá nessa altura e com quem terá privado (a acreditar no seu próprio testemunho) merece destaque especial Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, religioso, qualificador do Santo Ofício da Inquisição romana, poeta, diplomata, Mestre de Controvérsia no Colégio De Propaganda Fide e, mais tarde, Lente de História Eclesiástica na Sapienza[24]. Da recolha levada a cabo com vista à publicação do volume de *Cartas Familiares* infelizmente apenas faz parte uma missiva dirigida a Macedo, de 23 de fevereiro de 1648, em agradecimento pela diligência que este fizera junto da monarquia francesa para lhe obter uma carta de intercessão do rei no período em que se encontrava preso, mas é perfeitamente legítimo supor que a troca epistolar, ao longo de anos, tenha sido muito mais intensa[25]. Em todo o caso, é de acreditar que a amizade entre Melo e Macedo tenha contribuído para uma integração ainda mais rápida e frutuosa daquele nos mecanismos de sociabilidade intelectual que o próprio meio romano estimulava. Que a fama da sua elevada erudição lhe granjeava um estatuto singular não resta hoje qualquer dúvida, mas Melo tem o cuidado ainda assim de recordar esse facto: "Así en la opulencia de las buenas y de las mejores letras, humanas y divinas, nuestro insigne y nuestro preceptor y amigo, el P. M. F. Francisco de Macedo, cuyos copiosos caudales logran admirablemente dos cátedras, muchos púlpitos, no pocos tribunales e innumerables tipos"[26].

Mas, o que talvez mais impressione o leitor – a começar, como é evidente, pelo da época em que a obra foi publicada – é a abrangência enciclopédica dos saberes que no seu todo as duas dezenas de nomes representam[27]. A cada um deles corresponde em especial uma fração desse vastíssimo campo do saber – humanidades, matemáticas, divinas e humanas letras, etc. –, mas

---

[24] Temos notícia de que Macedo foi responsável, em nome do Colégio De Propaganda Fide, por uma das aprovações (datada de 24 de fevereiro de 1661) que acompanham a edição de uma obra de Kircher: *Ars Magna sciendi, in XII libros digesta, qua nova & universali methodo per artificiosum combinationum contextum de omni re proposita plurimis & prope infinitis rationibus disputari, omniumque summaria quaedam cognitio comparare potest. Ad augustissimum Rom. imperatorem Leopoldum primum, justum, pium, felicem.*

[25] Melo, 1981: 177-178.

[26] Melo, 2006: I, 7.

[27] Para além de Kircher e de Francisco de Macedo já referidos, faz menção explícita a vários intelectuais de renome (e seguimos a grafia proposta neste seu texto): "P.M.F. Lorenzo Brancatto de Lauria"; "P. Jerónimo Petruche"; "P.F. Felipe de la Trinidad"; "P. Sebastián Beluche"; "P. Ignacio Bompiano"; "P.F. Lorenzo de S. Pablo"; "P. Felipe Marino"; "Doctor Miguel Angelo Lualde"; "Dotor Felipe Maria Bonini"; "Dotor Iacobo Gibessio Albano"; "Dotor Bernardo de Almeida"; "Dotor Francisco Lavera"; "P. Maestro Gottinis"; "Leo Alassio"; "Abrahamo Maronita"; "Juan Batista Ionás"; "Tomás de Rivera"; "abad D. Martín de Mesquita".

ao mostrar que comunicou com todos eles consegue projetar a imagem de um homem discreto, capaz de operar uma produtiva síntese intelectual. Em suma, para a sua curiosidade sempre desperta, o convívio com grandes figuras da Companhia de Jesus, que de todo o mundo chegavam à Cidade Eterna por esses anos, e com gente de elevada estirpe que pertencia a círculos de cultura eclesiástica e laica, revelar-se-ia por certo muito estimulante[28].

4. Em suma, pelas suas qualidades e temperamento, D. Francisco Manuel de Melo aproximava-se, sem dúvida, da imagem do perfeito legado ou agente diplomático, muito embora a conjuntura política dificilmente pudesse propiciar ações de assinalável êxito neste campo. Na verdade, de pouco importa o ângulo de análise adotado, pois uma verdade subsiste: a história pessoal do autor confunde-se com o destino político dos povos peninsulares e isso confere-lhe uma dimensão única no quadro da cultura e da sociedade do século XVII. Não é apenas um autor de textos que assim se dá a ver, é um homem que foi, nesta como noutras circunstâncias, também ator e testemunha privilegiada de acontecimentos históricos relevantes.

Em todo o caso, pela gostosa combinação de política, de convivialidade discreta e de fervente atividade cultural, a viagem a Itália de D. Francisco – e de modo especial a sua passagem por esse grande teatro do mundo que era, por então, a cidade de Roma – emerge como decisiva na fase mais derradeira do seu atribulado percurso de vida. Para um homem que acreditava que "entre os sábios não há nações" (a expressão surge na boca da personagem Quevedo de *Hospital das Letras*, mas aquele podia sem dificuldade subscrevê-la[29]) e que não há nada como ser "cidadão do mundo todo", muito deveria significar esta calorosa receção no ambiente intelectual além-fronteiras. Repetidas vezes vem ao de cima, em modos vários, esse sentimento de pertença a uma elite que, mesmo quando não ocupava lugares de prestígio ou de poder na orgânica da sociedade, se sentia superior – e fazia gala que os outros também a reconhecessem como tal – em termos espirituais, morais ou culturais.

Se se procurar compreender um pouco mais a fundo a raiz da sua fama como escritor, há uma forte probabilidade de encontrar entre os seus mais

[28] Serviria ainda esta sua viagem para promover o seu projeto de compilação e posterior edição das obras em locais de forte prestígio cultural a nível europeu. Que circulava também com alguma destreza pelos meandros do universo editorial da cidade, é algo que bem se percebe pelo facto de aí ter saído, no ano de 1664, dos prelos de Filipe Maria Mancini, a edição das suas *Cartas familiares escritas a várias pessoas sobre assuntos diversos*. Reunira-as, em cinco centúrias, o seu amigo António Luís de Azevedo, abrindo assim caminho à publicação da primeira coletânea de cartas escritas em português intencionalmente preparada sob supervisão do seu autor.

[29] Melo, 1970: 93.

decisivos fatores a conciliação entre um saber literário e cultural que só alguns estavam em condições de manifestar com uma experiência de vida e de relacionamento social que lhe permitia descer bem fundo na anatomia do espírito humano. Raro é o estudo que buscando esmiuçar a obra não se vê obrigado a convocar argumentos que pertencem ao plano da vida do homem que está por detrás dela, sem que isso possa ser visto como abordagem meramente biografista. Não causa estranheza, portanto, verificar que entre os mais íntimos conhecedores da sua escrita se contam alguns que, de forma mais ou menos pronunciada, se ocuparam do percurso de vida do autor, a começar por Edgar Prestage, o lusitanista britânico que consagrou longas horas ao estudo desta matéria. A questão é, como têm admitido os estudiosos da época histórico-literária que se convencionou chamar 'barroca', muito mais complexa, pois mesmo quando não escrevia para falar de si próprio, deixava que a sua voz íntima, ora pelo entusiasmo que nutria por alguns dos temas que tratou, ora pelo pessimismo que vicissitudes pessoais haviam despoletado, se intrometesse no tecido ficcional ou nos largos cenários dos acontecimentos históricos que expôs, para só citar duas áreas estratégicas a este nível.

Bibliografia

CAMPOS, Fernando (2003). *O prisioneiro da Torre Velha. Quare?*. Algés: Difel.

FARIA, Ana M. H. Leal de (2011). "Missões secretas e negociações. D. Francisco Manoel de Mello e D. Francisco de Mello Manoel ao serviço da Coroa portuguesa", in M. R. Pimentel e M. R. Monteiro (eds.), *D. Francisco Manuel de Melo – O Mundo é Comédia*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 211-234.

GODINHO, P.e Manuel (1974). *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663*. Introdução e notas por A. Machado Guerreiro, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

PRESTAGE, Edgar (1914). *D. Francisco Manuel de Mello. Esboço biográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

MELO, D. Francisco Manuel de (1970). *Le dialogue "Hospital das Letras" de D. Francisco Manuel de Melo*. Texte établi d'après l'édition princeps et les manuscrits, variantes et notes de Jean Colomès. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português.

MELO, Francisco Manuel de (2006). *Obras Métricas*. Edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Freitas Carvalho. Braga: Edições APPACDM de Braga.

MELO, D. Francisco Manuel de (1981). *Cartas Familiares*. Prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MELO, D. Francisco Manuel de (1962). *A Visita das Fontes*. Edição fac-similada e leitura do autógrafo (1657), introdução e comentário por Giacinto Manuppella, Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.

MELO, D. Francisco Manuel de (2003). *Carta de Guia de Casados*. Edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto: Campo das Letras.

PEREIRA, Paulo Silva Pereira (2007). *D. Francisco Manuel de Melo e o modelo do cortesão prudente e discreto na cultura barroca peninsular*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [Tese de Doutoramento policopiada].

PIRES, Maria Lucília Gonçalves (2008). "Francisco Manuel de Melo e António Vieira", in *Românica. Revista de Literatura*, n.º 17, Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 133-150.

VERMEIR, Koen (2009). "Wonder, magic and Natural Philosophy. The disenchantment thesis revisited", in M. Deckard and P. Losonczi (eds.), *Philosophy Begins in Wonder*. Eugene: Wipf and Stock, pp. 43-71.